

Tempo

Diz-me o corpo, ao findar a jornada terrena:

— Deixa-me agora em paz! Não me prendas assim!

— Tempo!... Anseio mais tempo — exoro, vendo o fim,
Enquanto a morte ausculta a dor que me envenena.

Eis que o Tempo perdido, em pranto, surge à cena!...

Imploro: «Ah! Tempo amigo, abeira-te de mim,

Quero voltar contigo à estrada de onde vim,

Para amar e servir, segundo a Lei me ordena!...»

Ele, porém, não ouve e afasta-se em surdina...

— Vamos! — concita a morte — a luta não termina,

Não me atrases mais tempo à força de teus ais!...

— Onde o Tempo? — clamei, e a morte me elucida:

— Tudo terás de novo, o recomeço, a vida,

Mas Tempo gasto em vão, nunca mais! nunca mais!...

JOSÉ CIRILO DAS CHAGAS

Renascença da alma

*(Versos de carinho e gratidão a um chefe e
amigo de outras reencarnações, que hoje reencontrei,
sob o amparo de um manicômio.)*

Lembro-te, Soberano, as incursões bizarras...

Ordenas invasões... Feres, vences, dominas!...

Deixas a estrada em fogo, os castelos em ruínas,

Agonia e pavor nas terras onde esbarras!...

Tudo a morte levou... Os troféus e algazarras,

As armas, os brasões e as tropas libertinas...

E encontrei-te, hoje, oh rei!... Clamas e desatinas,

Reencarnado no hospício a que, louco, te agarras...

Dói ver-te inerme, assim, lívido e descomposto

Na laje celular por trono de recosto!...

Mas louva as provações, ditoso por sofrê-las!...

Findo o resgate justo, um dia, tempo afora,

Terás de novo um reino e os amigos de outrora,

Nos impérios do amor, para além das estrelas!...

EPIPHANIO LEITE